



*Córrego do Bonfim:
memórias e experiências
reveladas no bordado*

Simone Lima

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola De Belas Artes – DEART

Licenciatura de Artes Visuais

Simone Torres de Lima Bernardino

CÓRREGO DO BONFIM: memórias e experiências reveladas no bordado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso D”, do Curso de Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais .

Professora orientadora: Rosvita Kolb-Bernardes

Professor Co-orientador: Geraldo Freire Loyola

BELO HORIZONTE

2018

AGRADECIMENTOS

Ao paralisar o que vejo por meio das fotografias e dar cor a elas com as linhas, percebo que muitas vezes eu fui, mas também fiquei. Feito córrego, que se vai e volta, que encontra e se encontra e traz. Muitas vezes descobri quem eu era depois que o instante já havia passado. E outras vezes sujeitos me descobriram.

Agradecimentos afetuosos à esses sujeitos.

À minha querida professora Rosvita Kolb Bernardes, que amplificou minhas possibilidades de falar de mim, me acolheu com a arte e me permitiu experiências significativas.

À professora Juliana Gouthier e ao professor Geraldo Loyola, que me possibilitaram um olhar poético para essa vida ordinária.

Ao meu amado companheiro de luta e esperas Carlos e ao milagre que ele me possibilitou, meu filho Benício, que me permitiu reexistir. Ao meu bom e velho pai Getúlio, minha doce e presente mãe Izani, minha grande e humana amiga e irmã Shirley, meu irmão Vagner, que sempre me mostrou que é possível existir com simplicidade e resistência, à minha amiga de caminhos e de incentivos à leitura Liliane, à Márcia e sua cumplicidade.


Todos eles e todos da família, onde cada um presente à sua maneira, me permitiram um encontro concreto com meu sonho de ser professora com a arte, mesmo com tantos tumultos e barreiras.

Ao meu colega Murilo Rodrigues, que denunciou que sou impressionista, onde o tempo e a linha evidenciavam momentos fugazes em minha. À minha colega Magalli Souza, que quando eu achei que não fosse nada, com seus passos e fala apressados, me trouxe meu sujeito. À doce Anna Cláudia Rocha, pelas delicadas trocas de experiências. À tantos outros colegas, amigos que, em sala de aula, trazendo tanta força com suas histórias de vida e luta, me fizeram voltar para mim mesma: José Avelino, Wendel, Joelma, Leonardo, Sônia, Isadora. Aos que passaram rapidamente, mas ficaram: Denise Garófalo, Hécio Borges, Paula Sakamoto.

À minha querida e eterna professora Cecília César, que me ensinou me permitir errar. À eterna professora Pará que passou ligeiramente em minha vida, mas me deixou as palavras como aconchego.

Aos que estão ausentes, mas me permitiram me encontrar e me dão esperança e saudades a cada dia: Vó Sebastiana, Vô Guilherme, Padrinho Egídio, Sr. Bernardino e Dona Oneida.

E por último, mas sempre em primeiro lugar, Deus, que tenho dentro de mim e nas pessoas que estão ao meu lado e das vezes que me senti vazia, me possibilitou ter forças e me encher novamente com a arte.



“Ser original não é fazer nada diferente, ser original está ligado às suas origens,
quando você vai nas suas origens e fala e expressa o que você está sentindo,
aí é a verdadeira arte, aí é ser original.”

AdelSouki

Do que este livro trata:

RESUMO

PRIMEIRAS IMAGENS

PRIMEIRAS PALAVRAS

CONFISSÕES A FAZER

Quem é ela

Eu na primeira pessoa

Memória da casa

Do verde do chão

Do meu lugar

Quando e como a arte entrou na minha vida Paré

Cecília

As linhas no mundo

VOLTANDO PARA O LUGAR DE ONDE NUNCA SAÍ

A fotografia

O bordado

Exercício de ser professora de Artes Visuais

A NARRATIVA NA ARTE

REFERÊNCIAS

REFERENCIAIS IMAGÉTICOS

RESUMO

Este é um livro de artista, que tem como propósito apenas ser um livro. Um registro em formato de livro. Não é meu primeiro livro. Na verdade, não ousou dizer que já fiz algum livro. Sendo livro ou não, é meu livro onde trago minhas memórias e experiências de onde foi meu canto no mundo. Um canto que está perdido nas minhas lembranças e que para outros leitores não tenha existido, até esse momento. Li que livros são maiores por dentro que por fora e precisam de alguém que os leia, de alguém que os entenda. Pois bem, essa é seu encargo: ler este livro que é um registro do meu caminho e da minha vida e pode ser que seja também apenas uma invenção do meu olhar. Não numero as páginas, pois não quero impor sua leitura e aqui eu não preciso dos números. A região que exploro não precisa do alfabeto, mesmo que aqui eu faça uso dele. Crio imagens com imagem e com as palavras. Eu, como autora sou sempre a leitora. Espero que se aproxime desse universo e em algum momento o torne seu. Trago narrativas vividas e recolhidas no Córrego do Bonfim. Um lugar escondido na zona rural de Inhapim. Através de uma reflexão sobre minha vivência registrada por meio das palavras e imagens, proponho um retorno ao lugar que vivi minha infância, os lugares da minha memória. Faço esse retorno me apropriando do conceito de mônadas, de Walter Benjamin, que são pequenos fragmentos das minhas histórias e narrativas que juntas têm a capacidade de contar sobre um todo, embora muitas vezes esse todo seja descoberto nos fragmentos. Reflito sobre ser aluna e também professora de Artes Visuais, sujeito que se percebe, pensa, sente e que é único e tem vontade de intervir e se colocar no mundo por meio da arte. Uma escola deve ser um lugar onde se acolhe as diversidades, o diálogo, o respeito pela opção de cada um; onde se aprende fazendo e dando significado no que se faz por meio das individualidades. É a partir desse lugar que trago meus bordados, na intenção de reviver e rememorar. Indo e vindo, e muitas vezes retornando de onde vim, que vou costurando e contornando meu caminho.

PRIMEIRAS IMAGENS

Faço um mergulho profundo nos córregos da minha vida, mais precisamente no córrego onde pisei e mergulho aos poucos e lentamente nas minhas memórias. Aos poucos, dia a dia, trago em meus pensamentos pessoas, lugares, objetos, coisas, que estão cercados pelo córrego que pisei e que hoje molha outros pés. Imagens que me encantam, mas que estão presentes dentro de mim. Imagens esperadas em momentos inesperados. Imagens que traçaram, aos poucos, minhas escolhas e sempre vindo me levou até onde estou no momento. Aos poucos, trago minhas imagens, na tentativa de elas dizerem o que não sei falar ou simplesmente ser o descanso para os olhos de alguém.

As imagens operam como lugar de memória, pois são registros do que estive vivo. Para Bachelard (1988): “[...] a uma imagem podemos dar o nosso ser de leitor: ela é doadora do ser. A imagem, obra pura da imaginação absoluta, é um fenômeno do ser, um dos fenômenos específicos do ser falante.” (BACHELARD, 1988, p.245).

Meu caminho é tecido, inicialmente, pelas imagens paralisadas que guardo em minhas memórias. Imagens que vi e que aparecem e desaparecem no meu dia a dia, nos meus afazeres e estudos. Imagens que quis separar e guardar. Não possuo mais minha infância, mas tenho esta gravada em meus pensamentos. Hoje, na fase adulta, consegui adquirir uma câmera fotográfica e ando pela cidade onde habito buscando registrar meu caminho e trazer um pouco essas imagens que deixei na minha infância. Assim, meu gosto pela fotografia se deu. Na verdade, não foi assim que se deu, assim se constituiu. Meu prazer pela imagem paralisada se deu quando vi uma câmera fotográfica pela primeira vez. Eu, olhando para ela, e ela me registrou, me paralisou.

Eu vi seus olhos se entreabrirem numa velocidade quase irreal. Meu corpo ficou interrompido, não pela presença de quem a manuseava, mas pela presença dela. Eu queria fazer aquilo, desejava conseguir fotografar alguém, alguma coisa. Queria aprender a fotografar. Acontecimentos, intervalos, tempos, partidas se fizeram e consegui minha máquina fotográfica. Hoje, busco registrar o que vejo. O que encontro e que foi perdido por outros olhares. Faço registros e busco por registros feitos por outras pessoas, fotografias com memórias e histórias reveladas pelo tempo.

Retomo a cada instante da minha vida, trago as imagens em minha memória e busco trazer essas imagens para onde estou. Delory-Momberger (2012) coloca:

[...] o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, de uma vida. Algo começa, se desenrola, chega a seu termo numa sucessão, superposição, empilhamento indefinido de episódios e peripécias, de provações e experiências[...]. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.525).

Os acontecimentos estarão sempre presentes, mesmo que já tenham se passado e essa *atividade autobiográfica*, conforma coloca Delory-Momberger (2012) não fica restrita apenas ao discurso, onde as ideias e histórias são repetidas, mas

Ela se reporta, em primeiro lugar, a uma atitude mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem com sua vivência e com o mundo que o rodeia. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.525).

PRIMEIRAS PALAVRAS

Os acontecimentos estão presentes nas experiências do sujeito, instituindo o que acontece em sua vida e em sua existência. É com os acontecimentos que eu, como sujeito, fazendo parte de uma coletividade, me relaciono comigo mesma e reflito sobre minhas experiências e vivências para meu processo de construção enquanto futura docente. Conforme destaca Passeggi (2011), o sujeito ressignifica sua experiência no ato de narrar-se, a cada nova versão da história, a experiência é ressignificada. Passeggi diz:

(...) a noção de consciência histórica é fundamental para compreendermos a experiência em formação. Entendemos que ela só se justifica se permitir à pessoa que narra compreender a historicidade de suas aprendizagens e construir uma imagem de si com sujeito histórico, situado em seu tempo. (PASSEGGI, 2001, p.149).

Desta forma, essa relação reflexiva comigo me leva a compreender o que me moveu até o lugar onde estou hoje. Qual é o meu caminho? O que me constrói? Para onde estou indo? De onde vim? São questionamentos que me levam a refletir e aprender com cada experiência, buscando dar sentido à minha história.

Tenho interesse por esse processo de registro do caminho, de memórias, dos saberes que provêm das experiências, das belezas das coisas e pessoas que passam despercebidas, da transformação das coisas por meio da arte, da poesia, das palavras, das palavras criadas, da intervenção, da apropriação, interação e percepção das imagens, da importância da experiência do sujeito.

Para Bondía (2002) , devemos pensar a educação a partir do par “experiência/sentido”. Para o autor, devemos dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, pois, a todo momento, somos afetados por estímulos e devemos estar atentos a essa velocidade e o que ela provoca. O silêncio e a memória são fundamentais para que ocorra uma aprendizagem significativa. Essa possibilidade de experienciar o momento de maneira individual e subjetiva, para Bondía (2012), requer um gesto de interrupção desses tempos tão corridos. Bondía (2012) diz:

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Vejo a fotografia como uma forma de o sujeito registrar seu caminho e história. Narrar fotograficamente, buscar registrar o que interessa, o que seus olhos veem e mais ninguém vê. E essa descoberta de fotografar é própria e única quando esse sujeito se situa naquele momento, por meio do registro de pessoas, paisagens ou objetos, fazendo deste instante uma forma de pensar e construir conhecimentos, de olhar. Viver o instante e o trazer por meio da “paralisação” da imagem leva o sujeito a se colocar enquanto pessoa que pensa, sente e vê, resultando em um trabalho de um sujeito que tem experiências e história, um sujeito que sofre estímulos, tem vivência, é atravessado por informações no seu dia a dia, e passa por acontecimentos, experiências e memória.

E o bordado tem um caráter afável e me traz as melhores memórias e me traz a possibilidade de retornar ao caminho que percorri.

Assim, tenho interesse por esse processo de registro de memórias, dos saberes que provêm das experiências, da transformação das coisas por meio da arte, da poesia, das palavras, das palavras criadas, da intervenção, da apropriação, interação e percepção das imagens, da importância da experiência do sujeito.

CONFISSÕES A FAZER

Quem é ela

Ela nasceu na roça, numa terra cheia de mato. Já fez do seu quintal de terra seu espaço preferido. Já comeu fruta no pé, já plantou milho e café, já capinou e fingiu que capinava. Já brincou de pular elástico, esconder, fazer escultura nos barrancos, brincou de finca, carrinho rolimã e na chuva. Andava por quase 2 horas até chegar à escola. Já buscou lenha e vassoura no mato; já buscou vaca no pasto, já prendeu bezerro; já almoçou às 9h da manhã para chegar à aula a tempo. Já dormiu para a fome passar, e passava. Já tomou banho na bacia. Passava barro branco nas paredes e no fogão à lenha de sua casa e estrume de vaca no chão. Sua casa era iluminada à noite por lamparinas a querosene.

Ouviu falar de três irmãos chamados “Deli, Delei, Deléia” e conheceu mais outros três chamados “Wilson, Nilson e Ednilson”. Nunca entendeu porque ela e seus irmãos eram: Simone, Shirley e Vagner. Hoje mora em cidade mas não gosta de cidade; sente saudades de morar na roça. Certa vez, ouviu dizer que a saudade é a alma da gente dizendo para onde queremos voltar. Gosta de ler livros e de seu formato, ouvir música, dançar, gosta de poesia, fotografar e ver fotografias, bordar e de objetos que contenham história, memória e saberes.

Seu nome é Simone, nome este que vem da primeira boneca de espiga de milho que sua mãe tinha na roça e a chamava assim. O que tem sentido? Dúvidas. Certezas. Saudade. Risos. Cansaço. Urgência. Dor e esperança. Dentro dela mora uma boneca de espiga de milho, uma palhaça sem graça, uma aspirante a artista.

Eu na primeira pessoa

Aos trinta e dois percebi o que estou fazendo da minha vida. Comecei por perder um amor e com essa perda descobri o que estou fazendo de mim mesma. Do tecido costurado, sem a medida se entrava ou não no conceito de beleza, ela me levou a um olhar sobre aqueles fios e uma descoberta. As pontas desatadas da minha vida foram juntadas aqui, naquele tecido. Ali, as vivências da minha vida e presença dela foram resgatadas, mesmo que por instantes. Minha paixão pela roça, os caminhos percorridos, a comida no fogão a lenha, o cheiro de terra, o vento suave, o sol que parecia não se pôr. Nessa amarra condenso minha infância, minha vida adulta e minha vida longe dali. Condensando também gosto pela fotografia, por fotos antigas e que trazem memórias, o nome da boneca de espiga de milho, viagens ao Córrego do Bonfim, conversas com quem não mais estão aqui e silêncio com os que ficaram.

Admiro muitos artistas: Aline Brant, Andy Goldsworthy, Edith Derdyck, Pedro Luis, Victoria Villasana; seus trabalhos, seus bordados, suas intenções e compreensão da arte na vida das pessoas. Busco não me perder com as referências. A descoberta pelo bordado em fotografias e os desenhos que faço com a agulha e linhas no papel, de cores diferentes, mas na tentativa de reconstruir algo que ainda não sei o que é, dar vida, textura e poesia ao que paralisei com meus registros. Tenho a liberdade de bordar fotografias, faço furos com a agulha na busca volúvel com minhas linhas. Crio pessoas, objetos, animais, insetos, folhas, flores e o que mais eu tenha visto e amado. Como crio algo que sempre existiu?

Começar do final não é tão ruim. Começar da perda me encoraja. Não me prendo a julgamentos e opiniões alheias que me desanimem. Sou a artista que nasci sendo, eu mesma.

Em meu trabalho não trato de questões que a sociedade deseja. Na verdade, não trato de questões. A minha compreensão da essência da minha fotografia e do meu bordado é a de que busco registrar meu caminho, o lugar, objetos, pessoas e coisas que tive contato e que não tive, mas que fazem parte da minha história e ainda estão lá, no Córrego do Bonfim e em outros lugares. Para mim, a fotografia tem um caráter mágico, pois ela registra poeticamente o que vejo e que ninguém mais vê da mesma maneira e naquele mesmo instante. E o bordado tem um caráter afável e me traz as melhores memórias e me retorna ao meu caminho que percorri.

Que eu consiga, com meus bordados que ousa em chamar de obras, os melhores sentimentos no espectador e os mais profundos e verdadeiros em mim. Que eu traga um pouco do que vejo e também do que não sei ver, um pouco do meu silêncio, do que falo e do que grito.

Memória da casa

Para falar do meu caminho, preciso dizer do meu refúgio. Do local que me amparou na minha infância, minha casa, minhas casas, que, mesmo sendo muitas, os telhados são os mesmos. O que não habitei nela, na minha infância, habito hoje e o que eu habitei, experiencio do lugar que estou hoje, com outro olhar. Pequena casa, de um cômodo, não se tinha um banheiro, mas tinha na casa da avó a poucos metros. Não havia sótão na casa, nem segundo andar. Havia calor e luz de lamparina ao anoitecer e luz do sol ao amanhecer. Tinha ali o silêncio.

Me agarro às palavras de Bachelard (1988) para dizer desse meu canto no mundo: “Pois a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos.” (BACHELARD, 1988, p.200). Bachelard (1988) me trouxe uma nova forma de ver a beleza da intimidade da casa que habitei e sonhei. Vivo essa minha casa através da minha imaginação e pensamentos. Hoje ela está lá, destruída as suas paredes, mas se mantendo verdadeiramente vivida, nas minhas lembranças eu a encontro e nela moro.

Assim, a casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da Infância Imóvel, como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. (...) As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho;

nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida. (BACHELARD, 1988, p.201)

Minha memória da casa e minhas experiências, me trouxeram vários tipos de saberes a partir daquele espaço que foi meu corpo. Localizar minhas lembranças no tempo me leva às imagens, cheiros, texturas e sabores da casa sem romper com a atual realidade que me comove, a de que não se tem mais a casa. E por essas lembranças e pela imagem e a escrita, posso tocar minha casa.

Do verde do chão

O chão era cor de terra, mas quando se anunciava uma visita ou mesmo sem motivo, ele era pintado de verde. Verde cor dos olhos daquela menina que o nome eu não sabia e ainda hoje não sei. Verde cor do céu, cor das estrelas. Cor do pasto e dos sapos. Verde. O cheiro também era verde, um verde novo e que anunciava a beleza do chão da cozinha. O verde que se podia ver, cheirar, tocar e experimentar. Que vinha com o vento. Aquele verde que nunca mais achei.

O chão da cozinha dessa casa onde morei se transformava ao ser colorida e eu me transformava junto, me encantando com a delicadeza de ver a cor de terra se escondendo. Ao passar dos dias o verde ia indo embora, se fazendo outros verdes, outros cheiros e outras texturas. E a cor de terra se anunciava, mais uma vez.

Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens - visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para vivos em seu redor. (BENJAMIN, 1994, p.207,208).

Nesse encanto eu vi e participei de umas das minhas maiores experiências com as cores e a trama daqueles dias, naquela casa e naquele pequeno chão de cozinha. Aquela matéria sólida que era recolhida no curral me trouxe aquele conhecimento sobre as cores e as coisas.

Do meu lugar

Sou professora e artista, tenho formação pessoal, saberes, aprendizados, lugares que são meus e lugares que são dos outros. Sei que sou mineira, como prefiro dizer, sou roceira. A famosa “jacu da roça”, sou o pássaro jacu que se esconde, gosta de passar despercebido e não gosta de plateias. Os jacus se assemelham às galinhas, as galinhas não falam comigo, nem os jacus. Falando em pássaro, sou da cidade de Inhapim, um movimentado Município no interior de Minas Gerais. Seu nome vem do pássaro inhapim, abundante na região. Inhapim é amanhecer e possui plumagem negra com uma destacada faixa amarela na asa direita. Mais uma vez sou um pássaro, que a mancha amarela no encontro das asas pretas é o sol no encontro dos morros, do lugar que vim. Sou a mancha amarela querendo encontrar com o morro.

Olhei e olho para alguns artistas, uma olhada “demoraaada” e que está presente em minha prática. Olho com a intenção de ver além do objeto simbólico dotado de valor estético, mas buscando ver o que cada artista diz a partir da sua individualidade, dando sentido ao que fazem à medida que transformam o cotidiano em arte. Muitos já ouviram falar de Manoel de Barros, Andy Goldsworthy, Aline Brant, Rosana Paulino, Jose Romussi, Pedro Luis, Sylvia Amélia, Hinke Schreuders. Mas poucos ouviram falar do Padrinho Egídio, do Vô Guilherme, da Vó, da Fessôra Cecília, da Pará, Tio Marcinho, Madrinha Júlia, do Dudu e do Vaguinho, e também do Getúlio. Nosso dia a dia é repleto de vivências estéticas que o mundo nos oferece e vivenciamos tudo isso também em nossa casa, com amigos e parentes, onde somos desafiados a treinar nosso olhar sobre a sensibilidade desses acontecimentos diários e a valorização dos fazeres ao percebê-los como artísticos.

Meu lugar é onde estou. Mas queria estar em outro lugar no momento. Minha avó Sebastiana me trouxe até mim mesma. Pena que trouxe e já se foi. Para onde foi minha força? Suas palavras novas ficaram, as velhas também.

E agora, para onde vou? Vou para onde o córrego me leva. Do lugar que estou falo do lugar que vivi e trago comigo. Me apropriando das palavras de Carlos Drummond de Andrade, hoje, muitas coisas carrego comigo.

Carrego a água do “munho”, carrego a lamparina à querosene, carrego os pés descalços, o almoço às nove horas da manhã e a janta às seis da tarde. Carrego as conversas no caminho para a escola, carrego as palavras novas, as erradas e as certas. Carrego a grota, as minas, a brasa no fogão, o cachorro no portão. Os pés de manga ubá, a enxada e o barro branco, o chão verde, o chão branco e de terra, o fogão de barro branco. Carrego o sol amarelo que dorme atrás do morro, os morros, as baixadas e os caminhos que não têm fim. Carrego a água na bica, o milho no paiol, os bois no pasto e as galinhas no quintal, as roseiras, o capim e as casas que me abrigaram. Carrego o milho assado na brasa e as histórias de vida, os vagalumes que me guiaram, o travesseiro cheirando fumaça e a tramela na porta. A varanda escura e as estrelas pintando o céu, os pés arrastando pela casa e os olhos miúdos, o padeiro buzinando e o barulho das sacolas que guardavam as moedas. Carrego comigo a nata no leite, o café fresco, a xícara descascada. Esse pouco e muito mais, carrego muitos sentimentos, desejos e saudades. Hoje, neste lugar movediço, tudo e todos mudam o tempo todo, mas a nossa memória e nossos saberes são os mesmos, apenas sendo alimentados a cada dia. Tomo posse do que carrego em mim para saber do lugar que estou, que ocupo e que aprendi.

Quando e como a arte entrou na minha vida

Quando criança, no tempo em que vivi na roça, eu gostava de brincar de ser professora. Sendo professora eu imaginava que tinha lápis de cor e giz de cera para colorir, como fazia dentro da sala de aula, na escola que eu estudava; então imaginando que tinha lápis e giz eu rabiscava a parede de dentro da minha casa com carvão e do lado de fora com barro. Eu gostava também de fazer casinhas e objetos cravados nos barrancos, gostava de subir em árvores, imaginar que morava lá, fazendo dos galhos os cômodos da minha casa imaginária e gostava de pular corda e elástico, cortar papel e andar de bicicleta. Eu era livre. Vinha de dentro esta minha vontade de ensinar. Lá eu sempre estive livre de julgamentos precipitados sobre o que estava fazendo e de como deveria me comportar como criança. Não havia julgamentos, mas também não havia nenhum tipo de estímulo para as minhas brincadeiras e desejos. Eu mesma quem devia pegar escondido o carvão para escrever nas paredes, eu quem pegava a faca para esculpir nos barrancos e que pedia bicicleta emprestada dos primos para andar.

A arte entrou na minha vida quando meu avó disse “você vai ser professorinha!”. Eu amava quando ele falava “vem aqui professorinha”, “olha a minha professorinha”. Foi aí que descobri, mesmo sem saber, a arte na minha vida, era uma mistura de tudo que nos encanta, o amor de um ser poético, a escrita e os meus sonhos. Foi ali, naquele pedaço de terra, chamado de Córrego do Bom fim, que a arte entrou na minha vida.

Mudei para a cidade e todas as minhas brincadeiras e criações ficaram guardadas comigo. Fiquei diminuída nas possibilidades quando não encontrei mais o giz e o barro para escrever na parede. Vivi assim por anos, ausente de liberdade e incentivo.

Benjamin (1994) diz:

[...] as pedras nas entranhas da terra e os planetas nas esferas celestes se preocupavam ainda com o destino do homem, ao contrário dos dias de hoje, em que tanto no céu como na terra tudo se tornou indiferente à sorte dos seres humanos, e em que nenhuma voz, venha de onde vier, lhes dirige a palavra ou lhe obedece [...]. (BENJAMIN, 1994, p.210)

Paré

Em um pequeno distrito de Inhapim, chamado de Santo Antônio do Alegre, estudei em uma escola chamada de Escola Estadual João de Almeida Pimentel. Não tenho muita certeza, mas acredito que foi lá que conheci a professora Paré. Se não foi, foi numa escola na cidade de Inhapim, a Escola Estadual Doutor Alípio Fernandes. Alípio eu lia “Auípio”, já que aprendi que o “l” tem som de “u”. Retornando à professora Paré, ela era sempre doce e atenciosa. Paré me sorria com aquelas sorriso amassado e as bochechas redondas. Sempre de camisa e calça jeans. Não sei que aula ela dava, mas não esqueci a Paré.

Mudei para Belo Horizonte aos 12 anos de idade, percebi que Paré ficou. Também não me lembro como ela soube meu endereço, mas começou a me enviar cartas e assim nos comunicamos por um tempo de quatro a cinco anos. Meus pais se mudavam muito aqui em Belo Horizonte, pois morávamos de aluguel e sempre havia um motivo para essa nova mudança de uma casa para outra. Éramos chamados de ciganos. Hoje percebo que de alguma forma éramos um pouco de cigano sim, pois os ciganos que vi lá na roça, moravam perto do nosso córrego, andavam sempre com roupas coloridas e viviam e comiam com o que lhes era dado a cada dia; acho que isso também passamos, além de vivermos nessa cidade tão grande, mesmo não querendo aqui estar, e mesmo tendo que vir para cá devido às condições de vida precárias do lugar que nasci. Fomos e somos esse povo espalhado e que vive o dia. Fui e sou um pouco das cores daquelas roupas.

E foi em uma dessas mudanças que perdi o endereço da professora Paré. Fiquei por meses sem contato com ela e nossos encontros por meio das cartas, então, deixou de acontecer. Depois de tanto tempo me dei conta da ausência das cartas. Hoje, sinto falta de suas palavras, sinto falta dessas palavras que eu não sei quais eram, mas imagino. Sinto falta de seu desvelo revelado. Sinto falta do que vivi, das palavras que me fizeram tomar gosto pela poesia. E em uma dessas mudanças de casa, perdemos o endereço da Paré, pois minha mãe sempre jogava papéis fora, pois nossos pertences eram levados em trouxas de lençóis.

Hoje, com tantos devaneios, ousa a inventar e talvez mentir que nessas cartas eu contava a elas das minhas tímidas experiências e conquistas na nova escola e ela me escrevia poesias, despedindo sempre com “um distante e longo abraço da professora Paré”. Com tantas palavras juntas, se fazia o que eu gostava de ouvir e à medida que lia imaginava. Imaginava estar na sala de aula naquela escola do Alegre. Vinte anos depois, procurei pela Paré nas redes sociais e com conhecidos, mas ninguém sabe quem ela é. Por vezes pensei ser ela fruto de uma imaginação e um desejo de ter alguém que me tenha apresentando as palavras e construído em mim a vontade das poesias.

Terá sido invenção? Invenção ou realidade, Benjamin (1994) complementa meus pensamentos ao dizer:

[...] contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fica ou tece enquanto houve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. [...] (BENJAMIN, 1994, p.205)

Cecília

Esperava feliz o dia da semana que teria sua aula de artes. Lápis de cor, tintas, papéis de texturas, cores, cheiros e tamanhos diferentes, potes com tinta, torneira, armários. Aqueles armários sempre atraíam minha atenção e meu desejo, me deixavam sem palavras. Palavras essas que pouco tinha e ainda quase não tenho. Experimentei as cores e me perdi em devaneios por cada efeito criado. Cores, com elas eu sempre me senti à vontade. Naquela sala de aula eu podia chegar em silêncio e sair em silêncio.

Nenhum dia era diferente do outro. Era só atravessar os corredores, de frente às salas de aula, descer as escadas, perto da mesa e cadeiras de concreto e lá eu chegava. Ao chegar era acolhida por um sujeito que era único, com aqueles olhos por trás daqueles óculos que sempre tinha uma história ou caso para contar a todos da sala para iniciar a aula e eu poder fazer o que mais gostava: ser eu mesma.

Não cheguei a fazer provas. Ela nunca pediu que nenhum aluno provasse nada. Como se avalia um sujeito ser ele mesmo? Esta foi minha experiência em sala de aula com as artes, isto foi o que vi da professora Cecília. Cecília. Sábia. Possível nome se eu tivesse uma filha. Cecília. Me trouxe até onde estou no momento, me mostrou que se é possível voar com asas, mas também com os pés, que me disse certa vez “permita-se errar”. Permissão para errar. É apenas o que pretendo oferecer aos meus futuros alunos, enquanto docente.

As linhas no mundo

Sem sair do lugar, o córrego me acompanha. O córrego me acompanha, mesmo estando eu parada. Saindo do lugar, ele também me acompanha. E isso acontece com as linhas. Tenho companhia a todo momento, mesmo sozinha e presa. Com o bordado encontrei saída e me desloquei, parti para o voo, desenhando asas com minhas linhas.

Com a agulha atravesso papel, instantes, morros, caminhos, lugares. Agulha leva a linha, que desenha, que me traz o desejo, com cores, texturas e ramas que se fazem. A linha me leva. Agulha traz a linha e vejo o que até ali não via. A linha que me leva também me traz. Me traz as memórias da infância, a escola, a caminho da escola, as casas e o terreiro. Me traz a experiência de estar adulto e buscar pelo que vivi. Bordo com a repetição e ao mesmo tempo a criação. O movimento é igual ao anterior, mas diferente do que se segue. Antes e depois. Costurando tenho o tempo vivido, paralisado e vivo, minha memória, histórias, caminhos percorridos.

Bordo e espero. Espero por algo que não sei o que é. Espero por pessoas que estiveram. Numa espera de algo que talvez não chegue. Ao mesmo tempo, o tempo se vai, sem nenhum atormento em ter que me esperar. Espero pelos caminhos que andei, por quem não mais vejo, por andar por onde não mais passei, por sentar onde não mais posso, por sentir cheiros que não mais perfumam. Espero pelas delícias da minha memória. Espero pelo que não acontece e o que acontece que não me era esperado. Espero.

Fotografias bordadas. Papel costurado. As linhas no mundo são muitas. Pessoas e lugares vivos. Sentidos e sentimentos vividos e também imaginados. O que percorri aconteceria, mesmo se por mim não tivesse percorrido. Os lugares que estive ainda estão lá. Ao bordar uma imagem, estou lá, quantas vezes eu quiser, e das vezes que eu não quiser. O que era antes vira o que é depois quando desenho com as linhas. Lugar que existe.

Córrego. Córrego do Bonfim. Bom fim. Água que corre, da grota ao moinho. E corre. Corre. Água que descansa, molha, planta, seca, acalma e alimenta. Água do córrego. Córrego que faço viver com as linhas, na tentativa de sentir. Córrego que espera e espero, tirado dos meus olhos, mas que me molha, me leva e me traz.

A meus movimentos com as linhas, Derdyck (2010) diz: “[...] Sou prisioneira, mas somente costurando nasce uma possibilidade de tocar, com a ponta da agulha, o senso da liberdade.” (DERDYCK, 2010, n.p).

Derdyck (2010) completa: “A linha do horizonte a quem pertence: ao céu, ao mar, à terra? Onde se encontra a linha de encontro entre as coisas do mundo? A linha é fruto abstrato deste encontro concreto.” (DERDYCK, 2010, s/n).

VOLTANDO PARA O LUGAR DE ONDE NUNCA SAÍ:

A fotografia

Costumo fotografar coisas, detalhes que passam despercebidos. Não gosto de fotografar em público. Gosto de ficar em silêncio eu, a câmera e o objeto a ser fotografado. Não gosto de barulhos e companhia ao fotografar. A facilidade desse meio facilita uma enxurrada de fotos que temos disponíveis nas mídias sociais e meios de comunicação. A minha compreensão da essência da minha fotografia é a de que busco registrar meu caminho, o lugar, objetos, pessoas e coisas que tive contato e que não tive, mas que fazem parte da minha história e ainda estão lá, no Córrego do Bomfim e em outros caminhos. Para mim, a fotografia tem um caráter mágico, pois ela registra poeticamente o que vejo e que ninguém mais vê da mesma maneira e naquele mesmo instante. Oliveira e Oliveira (2013) citam Benjamin ao dizer que fotografia é magia e técnica, onde a presença desse objeto fotografado é de um objeto de culto, e essa comunhão com o objeto leva a experiência do sagrado. Assim, os autores colocam:

[...] a técnica mais exata pode dar às suas criações um *valor mágico* que um quadro nunca mais terá para nós. Apesar de toda a perícia do fotógrafo e de tudo o que existe de planejado em seu comportamento, o observador sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena *centelha do acaso*, do *aqui*, do *agora*, com a qual a *realidade chamuscou a imagem*, de procurar o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje em minutos únicos, há muito extintos, e com tanta eloquência que podemos descobri-lo, olhando para trás. *A natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar.* (BENJAMIN *apud* OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013. pp.172, 173).

Me apego à Passeggi (2011) quando diz que os acontecimentos tem uma carga emocional e deixam um traço, são experiências fundadoras que abrem espaço para o trabalho de compreensão de como essas experiências afetaram a pessoa que narra.

“O que essas experiências fizeram comigo?” (PASSEGGI, 2011, p.151).

“O que faço agora com o que isso me fez?” (PASSEGGI, 2011, p.152).

O bordado

“Só sei o que sou quando já passou. Resíduos.” (DERDYCK, 2010, n.p)

Agulhas e linhas perfuram papéis, às vezes meus dedos e muito frequente minha alma. Com o bordado, trago minha dor, necessidade, minha vida e história. Minha relação com o bordado é nova, mas minha relação com as cores, texturas, imagem e palavra é antiga. Muitas questões me passam despercebidas, muitas deixo passar fingindo desperceber. Em outras, tenho uma atenção profunda. Comecei tarde. Comecei tentando me agarrar aos desenhos e pinturas devido meu desejo pelas cores, mas não era o que eu realmente queria. Sempre quis fazer algo que fosse original. Aprendi que ser original é ir até a sua origem.

Eu corro muito. Mesmo parada, tentando manter a calma e o ritmo, as pessoas ainda dizem que me veem como uma pessoa afobada. Corro e à medida que corro, imprimo o que vejo e onde passo nos meus pensamentos e estou aprendendo a trazer isso para meus bordados. Tenho algo a dizer. Mesmo que eu não seja de muita conversa. Observação: não sou de conversa, não porque não converso, mas porque prefiro ouvir. Ouvir me alimenta.

Tenho a dizer do meu mundo. Quero desabafar sobre este mundo que desaba e sobre as coisas que perdi e que vejo muitas pessoas também passando pelas mesmas perdas. Quero registrar meu caminho. Quero fazer minha história e contá-la. Com meu bordado paraliso minhas memórias, contabilizo minhas alegrias, minhas perdas e dou sentido a elas. Dessa maneira, faço arte.

Exercício de ser professora de Artes Visuais

É de extrema importância para o professor de Artes em uma sala de aula ouvir o aluno e seus interesses, desinteresses e desejos e oferecer aulas em que seja possível o aluno se colocar e manifestar artisticamente. Foi conhecendo as narrativas (auto)biográficas que enquanto aluna de um curso de Licenciatura em Artes Visuais pude ver a importância de ser eu mesma e descobrir formas de narrar minha história. Por meio das narrativas o professor conhece o aluno, sujeito que está sentado em uma carteira na sala de aula e que tem muitos interesses únicos. Através da minha própria narrativa, sendo ela escrita e feita com registros fotográficos e interferência nesses registros por meio do bordado, eu retomei a mim mesma, o que eu gostava de fazer e percebi o que eu podia fazer com a arte na minha vida.

Observar não é invadir o espaço do outro, sem pauta, sem planejamento, nem devolução, e muito menos sem encontro marcado... Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminada por ela.
(WEFFORT, 1995, p.4)

As narrativas são muito importantes para nós, professores de Artes Visuais, pois nos permite conhecer o outro à nossa frente, ao mesmo tempo em que temos a oportunidade de refletir sobre nossa prática educativa, enquanto praticantes, usando-as como ferramenta de investigação e criação.

Assim, a partir do que vivenciei durante o curso e os estágios realizados e enquanto professora de artes e artista, percebo a importância em se ter um olhar atento e uma escuta sensível para as histórias de cada aluno, pois foi desta maneira, sendo vista e escutava que consegui me manifestar por meio da arte.

O processo de criação se dá pela invenção e criação em arte como forma de compreensão desse percurso criador, envolvendo troca por meio do fazer, da observação, do diálogo e da escuta. Todo fazedor de arte está numa busca de uma forma de dizer, uma poética sua que, enquanto ele busca e a obra se faz, ele inventa sua maneira de fazer e criar. O processo de criação, então, oferece possibilidades e articula entre os diferentes campos e com os sujeitos.

A NARRATIVA NA ARTE

Esses acontecimentos que decidi evidenciar no meu caminho e que tem significado ainda hoje para mim, me fizeram refletir sobre meu processo de formação e minha escolha em ser professora de Arte. Ostetto e Kolb-Bernades (2015) destacam que o indivíduo é o intérprete dele mesmo, reportando-se ao que foram, são e o que desejam ser. Para as autoras, é “por meio do exercício da memória, a história é revisitada pelo olhar que mira o passado nas marcas do presente, oferecendo elementos para a compreensão do percurso e, dessa forma, para o desenho de novas tramas.” (OSTETTO; KOLB-BERNARDES, 2015, p.165). Assim, o passado fez-se presente nesta minha ação de rememorar, de construir minha imagem enquanto sujeito histórico que narra enquanto compreende os acontecimentos e a partir daí tomo consciência dessa experiência vivida.

Após esse processo de retorno à minha história, de passar pelo processo narrativo de rememorar meu caminho e o que me levou às minhas experiências estéticas, pude compreender da importância de o sujeito se perceber como agente do meio em que vive e capaz de intervir nesse meio para modificá-lo e conhecer sua história. Mesmo que o sujeito não possa intervir no acontecimento em si, com o ato de rememorar e narrar ele retoma ao que aconteceu, vê a partir de outro ângulo e momento e com isso ele pode interpretar esses acontecimentos a partir do discurso narrativo e refletir sobre eles.

Para Passeggi(2011) “a narrativa serve para justificar, mesmo o injustificável, e chegar com ela ao equilíbrio perdido. Contar a história significa, assim, dar forma ao que antes não tinha.” (PASSEGGI, 2011, p.123).

Essa (re)interpretação do que me ocorreu me levou a direcionamentos que me fizeram pensar sobre minhas escolhas. Os fatos vividos me importam muito, mas o fato de narrar tudo o que me aconteceu através da escrita e poder registrar por meio da fotografia e intervir com o bordado, me fez compreender como me formei, como se deram minhas escolhas e descoberta, como me encontrei e ainda me encontro em situações de descoberta.

Passeggi (2010) deixa claro que é importante esse processo de narrar sobre a própria vida, pois essa prática propicia um processo de “pesquisa-ação-formação”, já que a escrita, além de comunicar o que já se sabe, ela forma processos de descoberta. “Formar-se é levar a sério a reversibilidade do trabalho de reflexão sobre si mesmo, realizado no processo de autobiografização.” (PASSEGGI, 2010, p. 126).

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido. [...] (BENJAMIN, 1987, p.104,105).

Por meio das narrativas, trago minhas experiências, através de pequenos fragmentos das minhas histórias e memórias, onde cada pedaço do que foi escrito tem uma força no meu processo de formação. Cada ideia, cada título, cada frase traz leva o leitor a uma parte do que eu presenciei e vi. Nesse sentido, esses pequenos textos apoiam-se no conceito de mônadas, que trazem minha subjetividade e meu olhar. São histórias simples, mas que juntas compõem uma totalidade. Walter Benjamin conceitua mônadas como sendo

“[...] elementos das coisas, indivisíveis e indissolúveis, substâncias simples e sem partes, que conformam o real em sua totalidade.” (ROSA et al., 2011, p.204).

Dessa forma, eu trouxe a escrita como uma forma de registrar meus pensamentos. E trouxe também o bordado, como uma maneira de me conectar com minha história e trazer a narrativa para além da palavra. Faço uma conexão do meu aprendizado enquanto discente por meio da minha experiência, que pode ser levada para a sala de aula, enquanto futura docente. A escrita de si, sendo esta escrita feita com palavras ou imagens, é um processo importante em sala de aula, pois reafirma a presença de um sujeito que tem experiências e histórias de vida únicas. Busquei desenrolar linhas, furar imagens e dar nós, na tentativa de bordar minhas memórias. Todo esse processo de linha que vai e que volta numa costura foi o disparador de minhas memórias e que se tornou útil para potencializar e trazer fragmentos de histórias que compõem minha narrativa de vida.

A narrativa de vida possibilita ressignificar a própria experiência no seu fazer cotidiano, nessa relação entre os sujeitos, nos acontecimentos que deixam marcas de experiências vividas e que devem ser contadas. Uma narrativa não se dá somente pela escrita, mas também por imagens; por imagens conto histórias.

Reconhecer e contar essas histórias são muito importantes para nós, professores de Artes Visuais, pois nos permite conhecer o outro à nossa frente, ao mesmo tempo em que temos a oportunidade de refletir sobre nossa prática educativa, enquanto praticantes, usando-as como ferramenta de investigação e criação.

Assim, ao refletir sobre esse meu aprendizado e criação, concluí o quanto é importante o olhar subjetivo de cada um para si mesmo e como as imagens operam para construção de sentidos, revelando desejos, características, anseios e maneiras de ver. Todas as imagens criadas com a fotografia e depois re-criadas pelo bordado convergem para a importância do olhar de quem vê para construir sentido em cada uma dessa imagem

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana. In: **A poética do espaço**. Martins Fontes, São Paulo, 1988. p.199-245.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 edição, São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas: volume 1. P. 197-221.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas II. São Paulo: Editora Brasiliense, volume 2, 1987. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. Disponível em: <https://monoskop.org/images/2/22/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_2.pdf> Acesso em: 15/05/2018

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 15/05/2018

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens Metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação, Volume 17, Número 51. Universidade de Paris 13. P. 523-536.

DERDYK, Edith. **Linha de costura**. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>>. Acesso em 16/10/2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrar é humano: autobiografar é um processo civilizatório**. In: Passeggi, Maria da Conceição; Silva, Vivian Batista da (Org.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.103-127

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. **Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v26n1/0103-7307-pp-26-01-0161.pdf>>. Acesso em 22/10/2017.

OLIVEIRA, Orlando José Ribeiro de; OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de. **Fases da história da fotografia e a questão da aura, segundo Walter Benjamin.** Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/14227/14593>>. Acesso em 27/06/2017.

ROSA, Maria Inês Petrucci; RAMOS, Tacita Ansanello; CORRÊA, Bianca Rodrigues; JUNIOR, Admir Soares de Almeida. **NARRATIVAS E MÔNADAS:** potencialidades para uma outra compreensão de currículo. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.1, pp.198-217, Jan/Jun 2011, p. 198-217. Disponível em: <[file:///C:/Users/Carlos%20e%20Simone/Downloads/rosa-ramos-correa-junior%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Carlos%20e%20Simone/Downloads/rosa-ramos-correa-junior%20(1).pdf)>. Acesso em 13/11/2018.

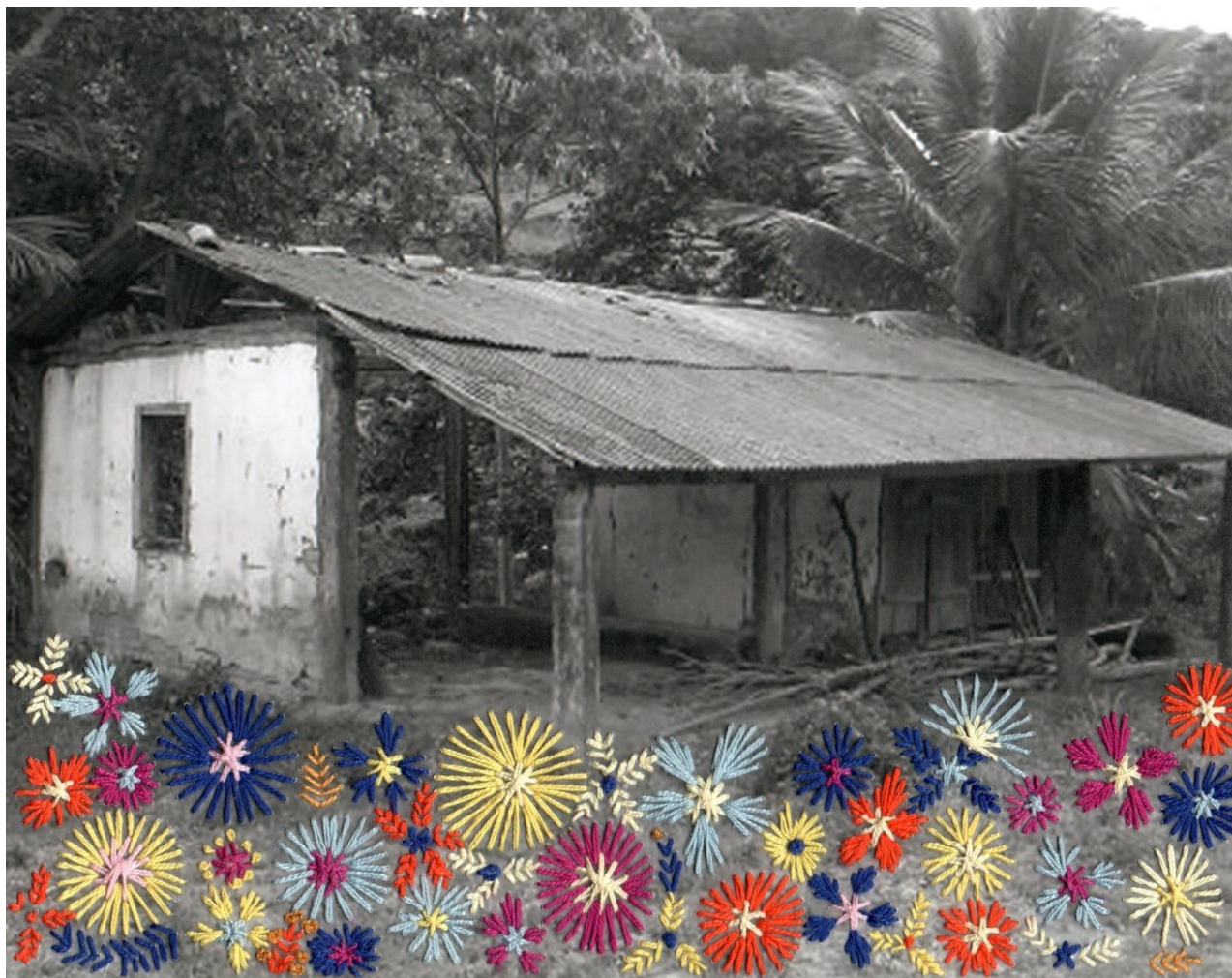




Laranja, 2017, Bordado sobre fotografia, 10x15 cm.



Espiando, 2017, Bordado sobre fotografia, 10x15 cm.



Paiol II, 2018, Bordado sobre fotografia, 20x25 cm.



Chapéu, 2017, Bordado sobre fotografia, 10x15 cm.



Conforto, 2017, Bordado sobre fotografia, 10x15 cm.



Descalço, 2017, Bordado sobre fotografia, 10x15 cm.



Presença, 2018, Bordado sobre fotografia, 15x22 cm.



Catando, 2018, Bordado sobre fotografia, 20x25cm.



Escondendo, 2017, Bordado sobre fotografia, 10x15 cm.



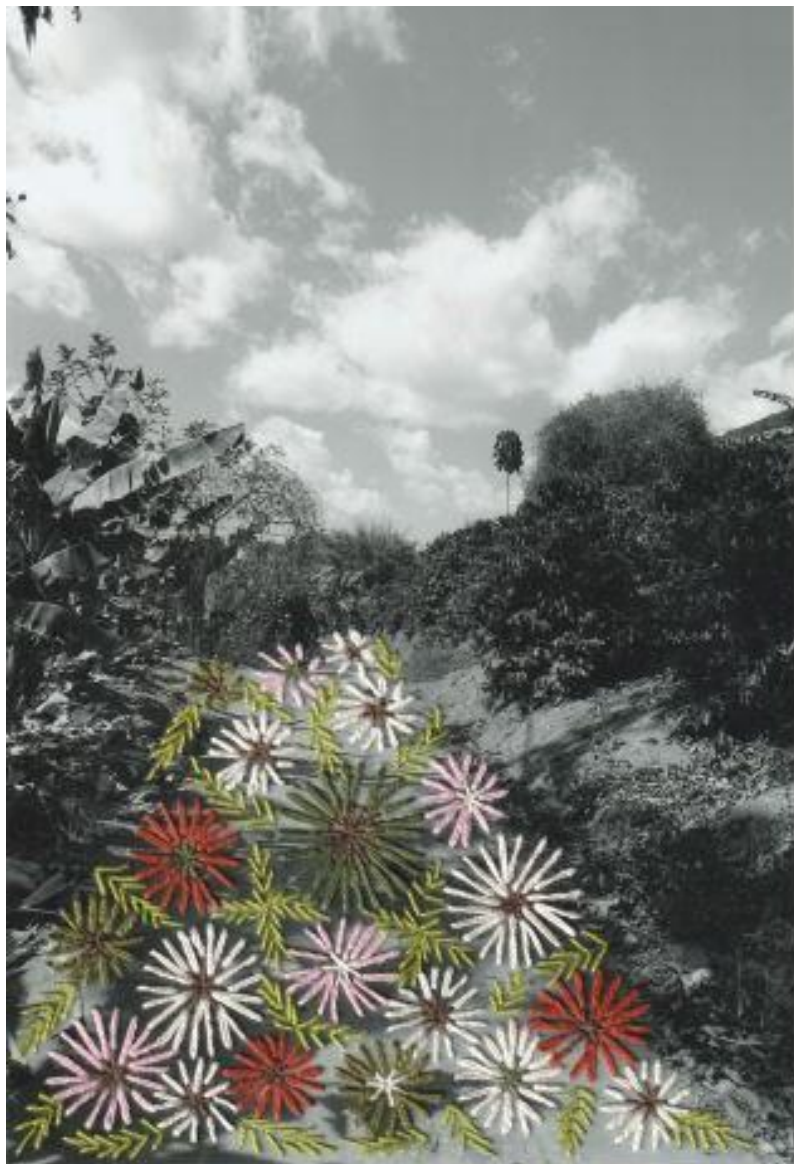
Rosa, 2018, Bordado sobre fotografia, 20x25 cm.



Voar, 2017, Bordado sobre fotografia, 10x15 cm.



Botões, 2018, Bordado sobre fotografia, 20x25 cm.



Mesmo caminho, 2018, Bordado sobre fotografia, 20x25 cm.



Janela Paiol, 2018, Bordado sobre fotografia, 20x25 cm.



Córrego primeiro, 2018, Bordado sobre fotografia, 7x10 cm.



Juntos, 2018, Bordado sobre fotografia, 7x10 cm.



Porta da sala, 2018, Bordado sobre fotografia, 7x10 cm.



Instante, 2018, Bordado sobre fotografia, 18x25cm.



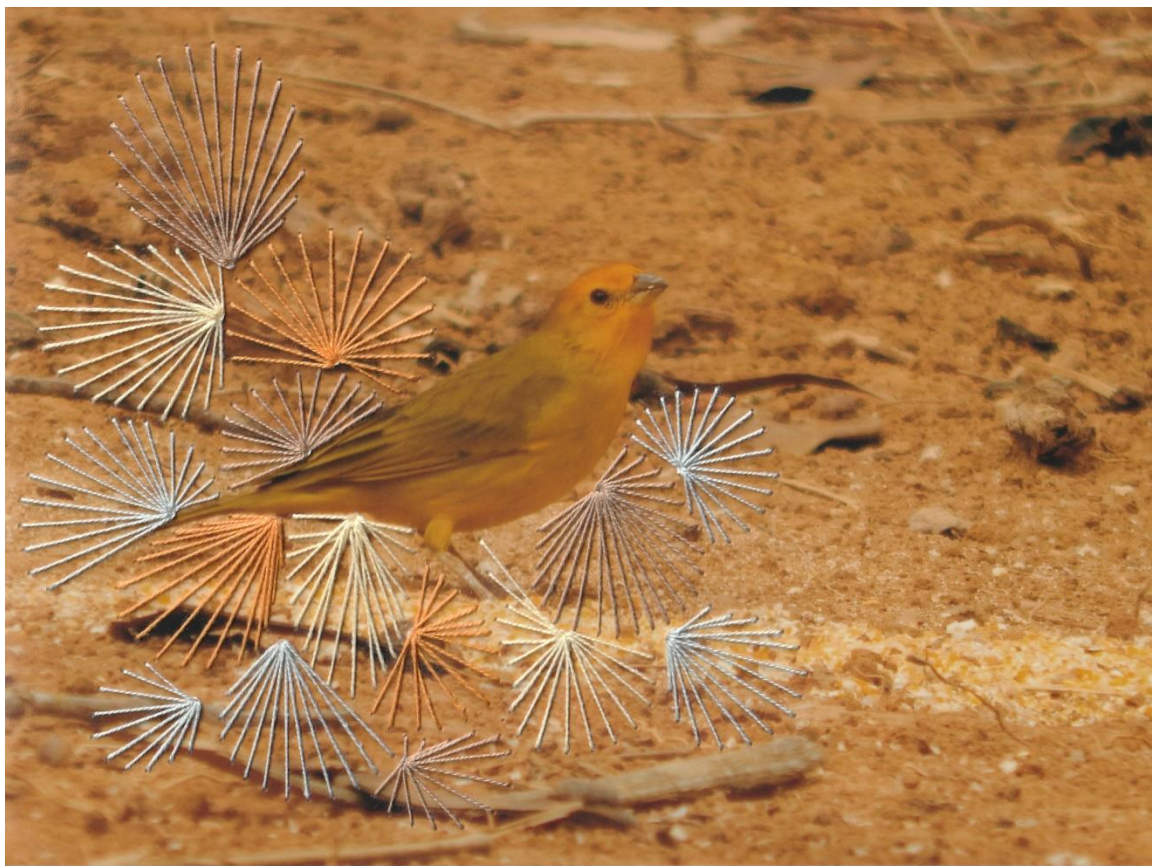
Janelas, 2018, Bordado sobre fotografia, 7x10 cm.



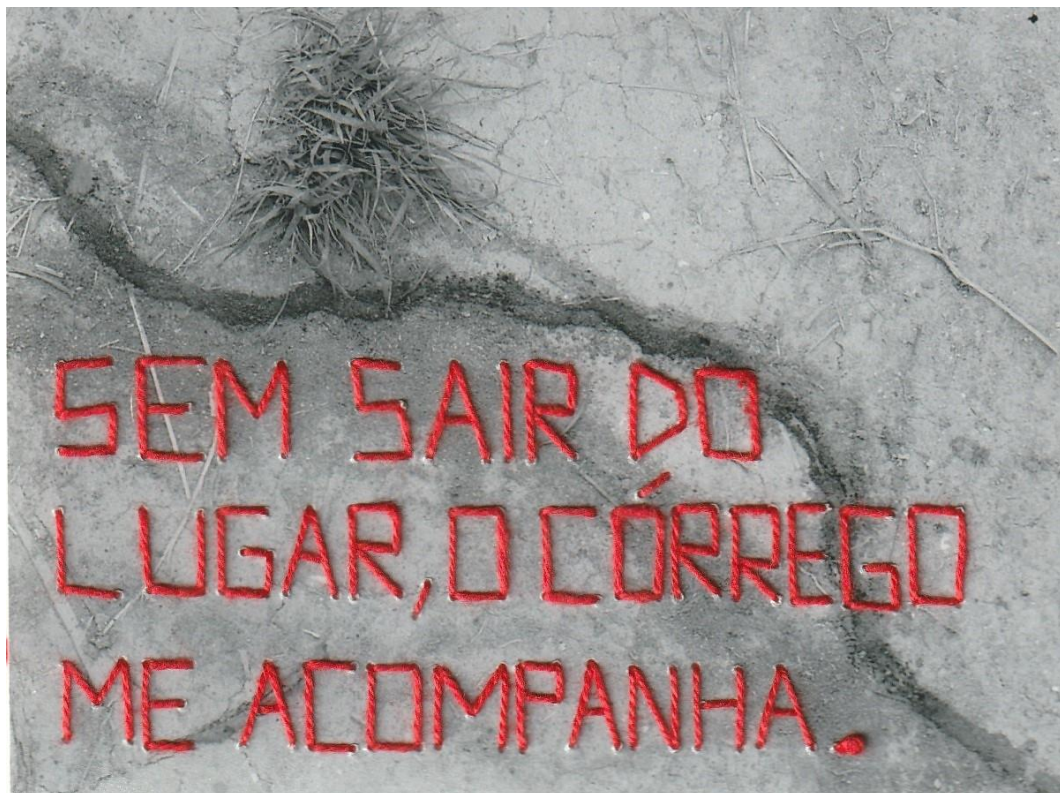
Voando, 2018, Bordado sobre fotografia, 15x22 cm.



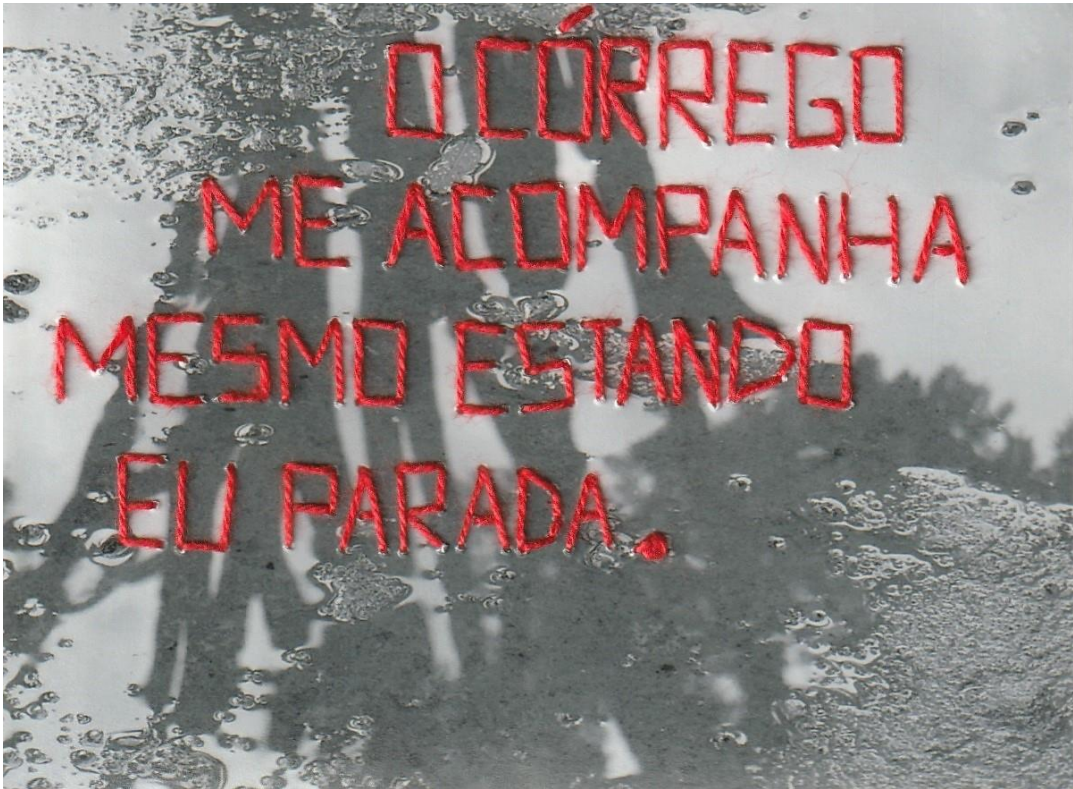
Caderno: Quero uma palavra nova, 2018, Bordado sobre papel.



Sozinho, 2018, Bordado sobre fotografia, 15x22 cm.

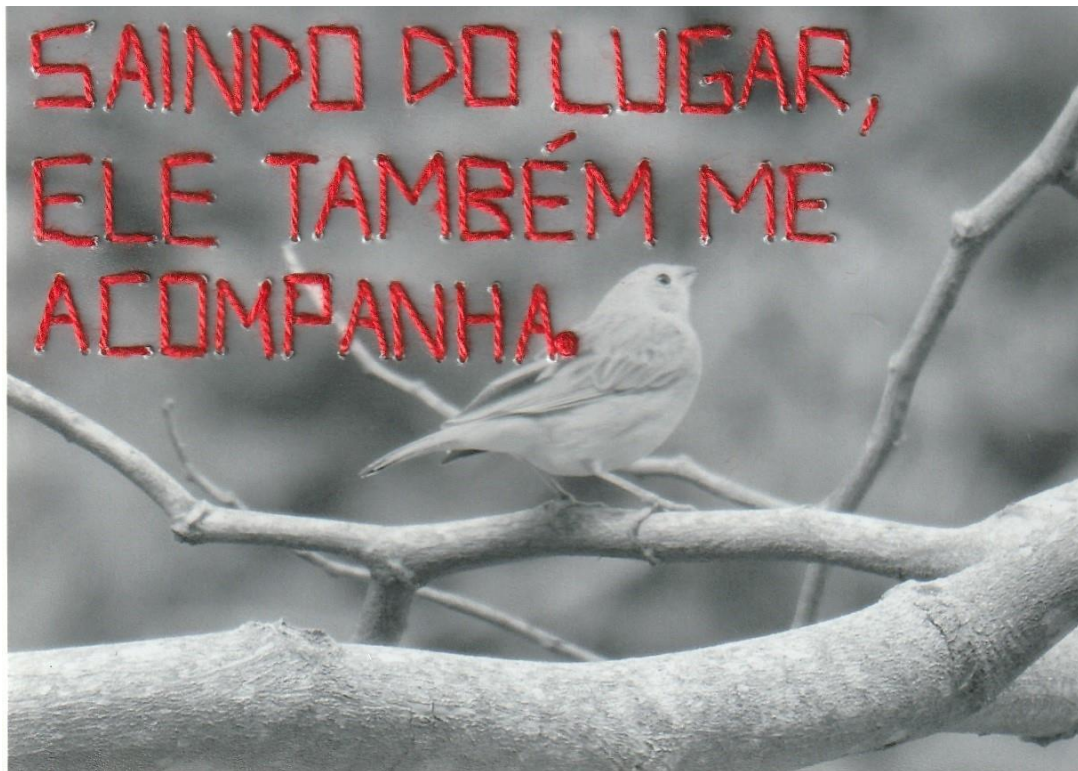


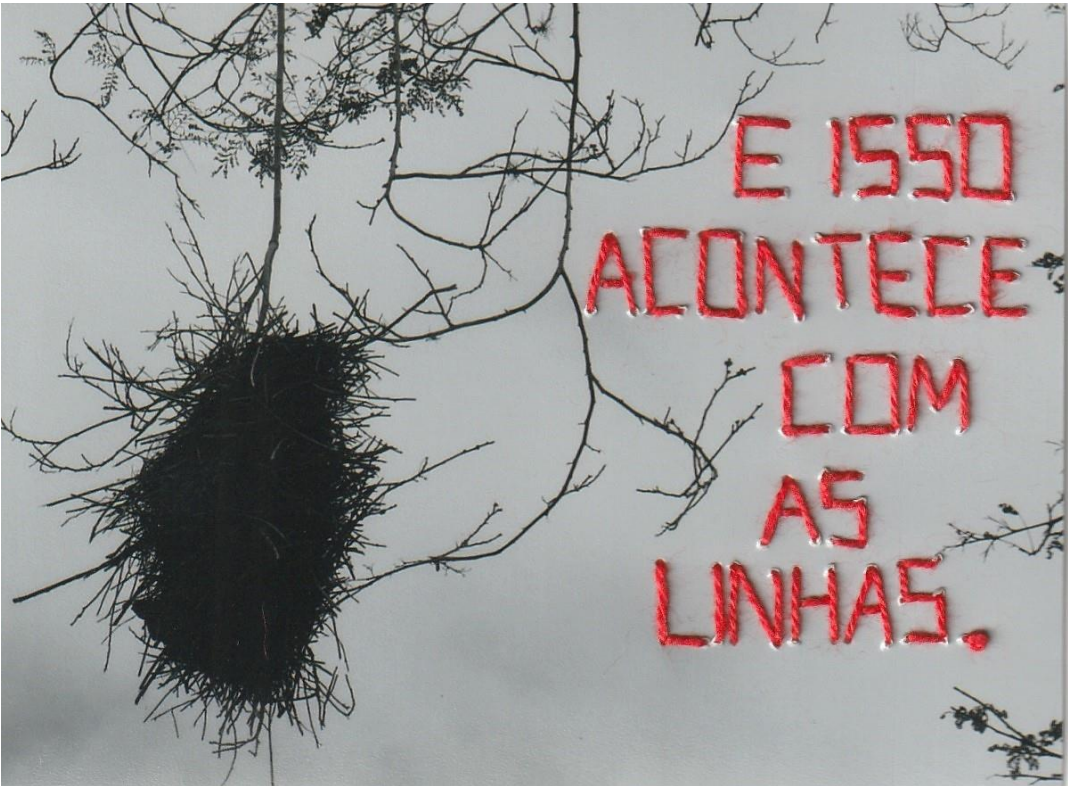
As linhas no mundo, 2018, Bordado sobre fotografia, 7x10 cm

A black and white photograph of a wet, reflective surface, possibly a car hood or a wet pavement. The surface is covered in water droplets and reflects the surrounding environment. In the center, there is a message written in red, blocky, hand-painted letters. The text is arranged in four lines. The background shows a blurred reflection of a person and some foliage.

O CÔRREGO
ME ACOMPANHA
MESMO ESTANDO
EU PARADA.

SAINDO DO LUGAR,
ELE TAMBÉM ME
ACOMPANHA.



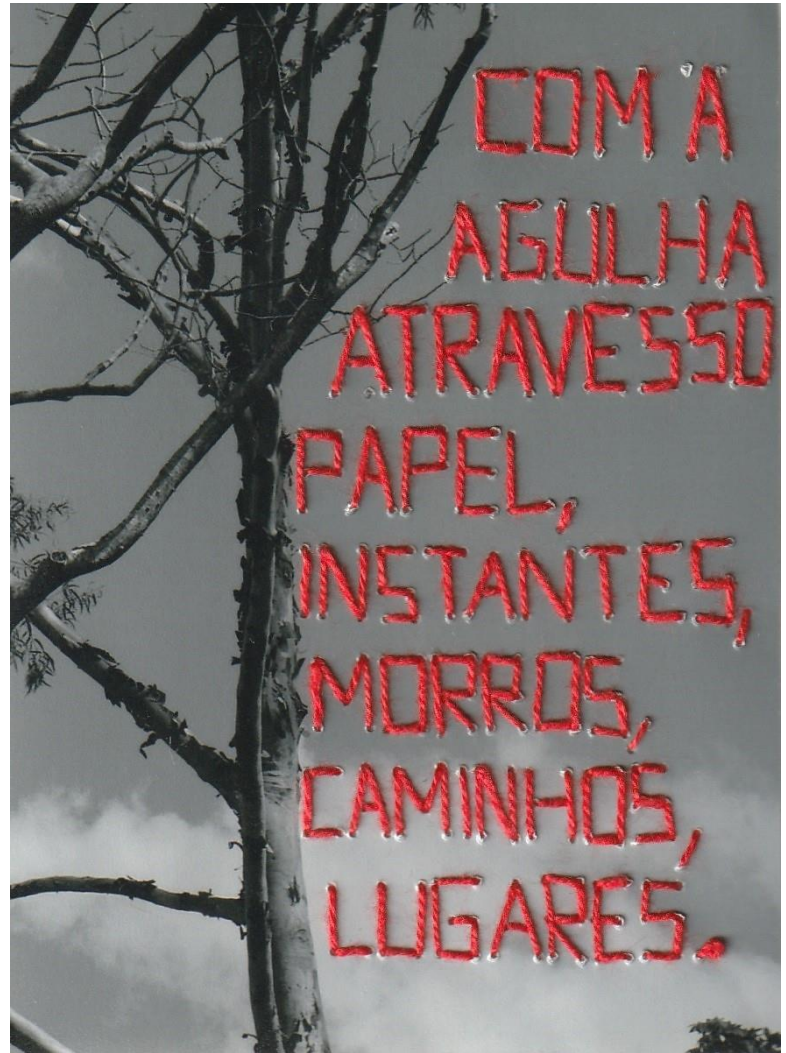
A black and white photograph of a bird's nest on a branch. The nest is a dense, dark, cup-shaped structure made of twigs and grass, hanging from a thin branch. The background is a light, overcast sky. On the right side of the image, there is red text in a bold, sans-serif font. The text is arranged in five lines: 'E 1950', 'ACONTECE', 'COM', 'AS', and 'LINHAS.'. The text is slightly offset to the right, leaving space for the nest on the left.

E 1950
ACONTECE
COM
AS
LINHAS.





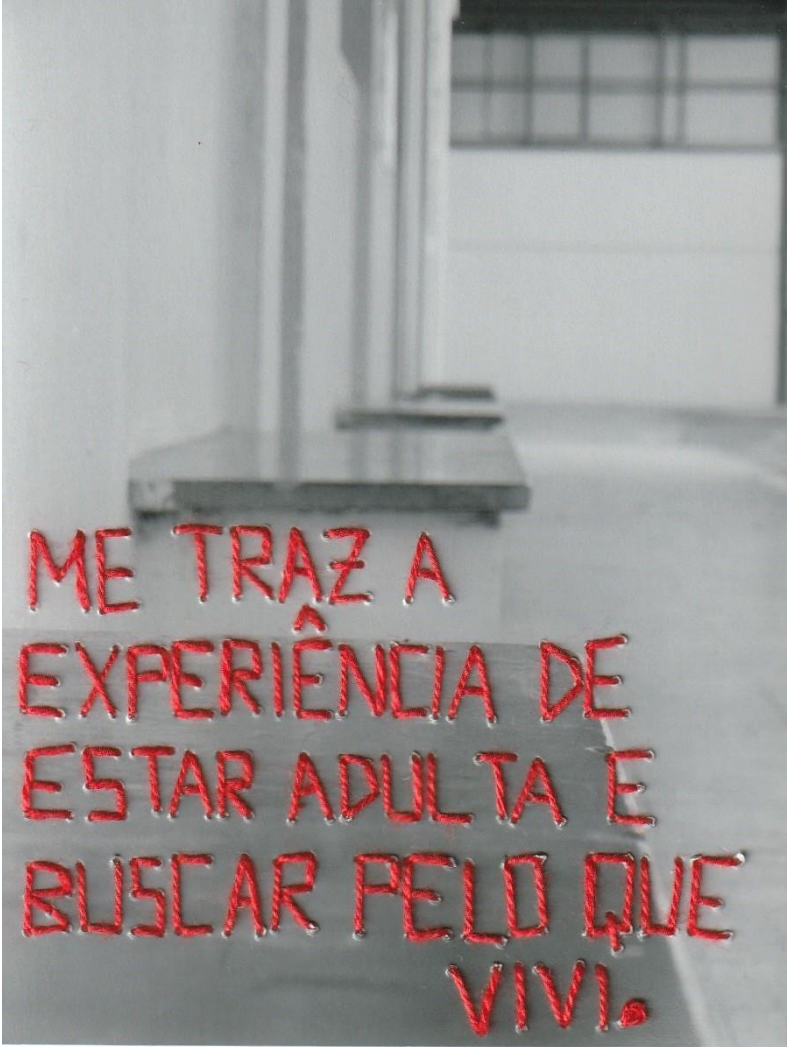
COM O
BORDADO
ENCONTREI
SAÍDA
E ME
DESLOQUEI.



AGULHA LEVA A LINHA,
QUE DESENHA,
QUE ME TRAZ DESEJOS,
COM CORES, TEXTURAS
E RAMAS QUE SE
FAZEM.

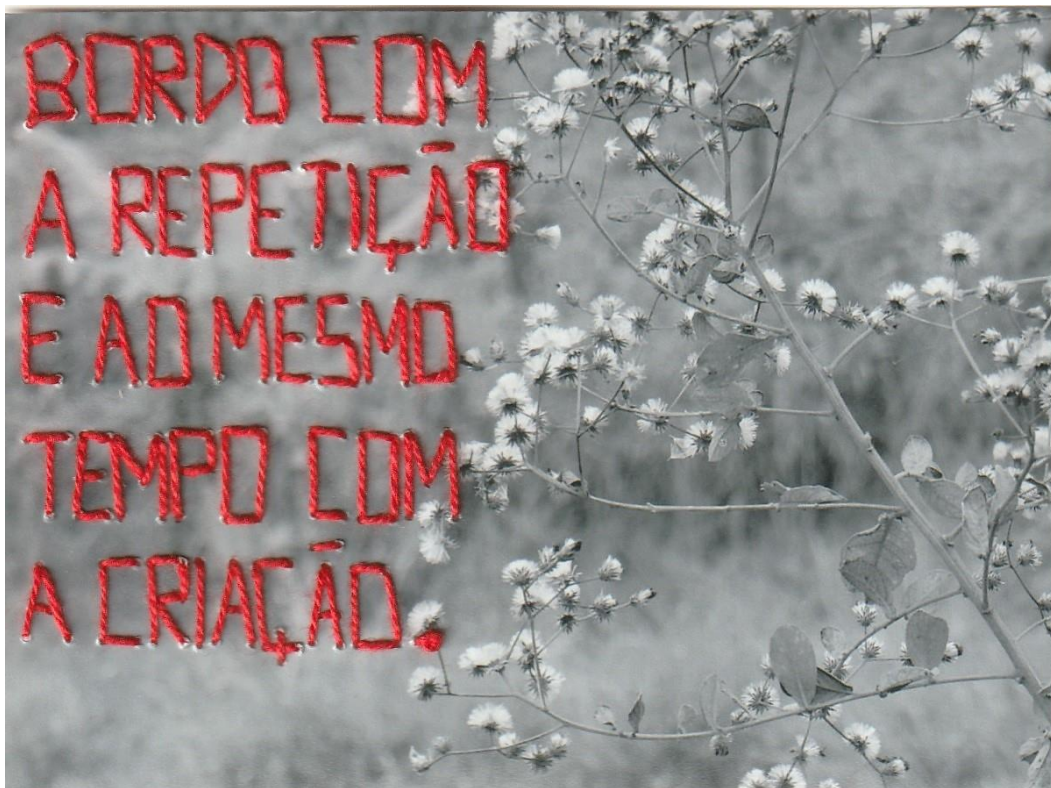
A LINHA ME LEVA.
AGULHA TRAZ A LINHA
E VEJO O QUE ALI NÃO
VIA. A LINHA QUE ME
LEVA TAMBÉM ME TRAZ.

ME TRAZ AS MEMÓRIAS
DA INFÂNCIA, A ESCOLA
E SEU CAMINHO, AS
CASAS E O TERREIRO.



ME TRAZ A
EXPERIÊNCIA DE
ESTAR ADULTA E
BUSCAR PELO QUE
VIVI.

BORDO COM
A REPETIÇÃO
E AO MESMO
TEMPO COM
A CRIAÇÃO.



O MOVIMENTO
É IGUAL AO
ANTERIOR,
MAS DIFERENTE
DO QUE SE
SEGUE.

ANTES E
DEPOIS.



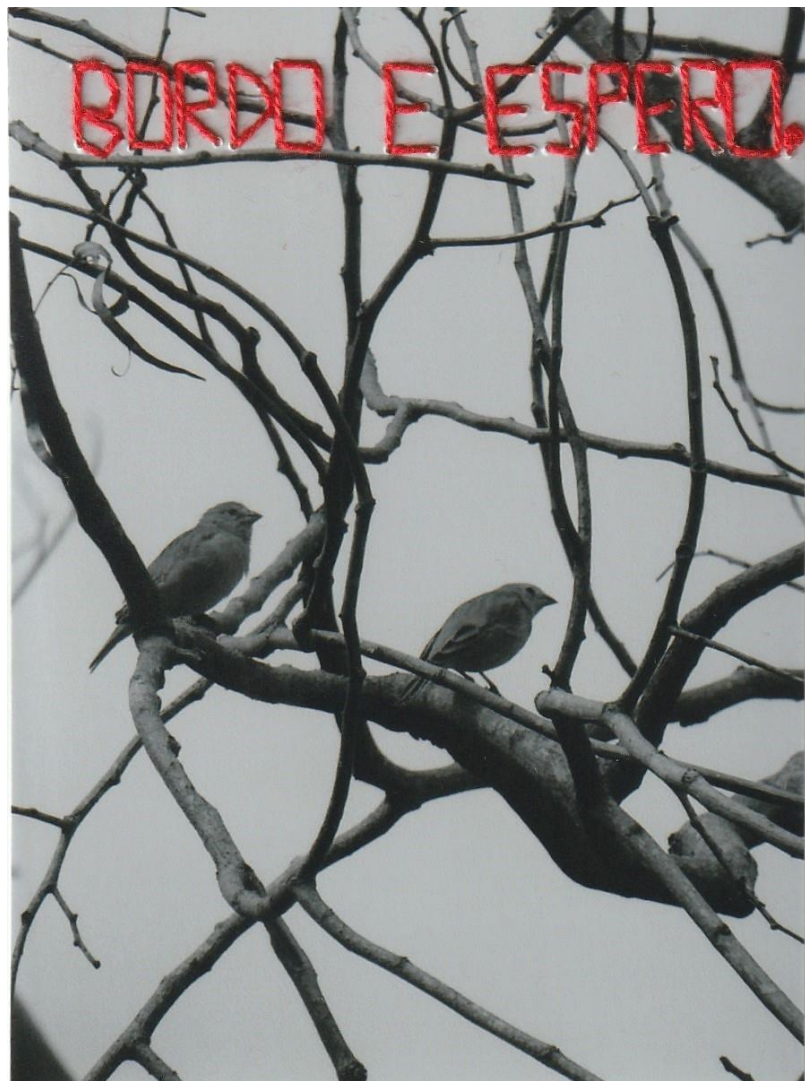
COSTURANDO
TENHO O TEMPO
VIVIDO, PARALIZADO
E VIVO.



BORDO E ESPERO.
ESPERO POR ALGO
QUE NÃO SEI O QUE É.

ESPERO.

NUMA ESPERA DE ALGO
QUE TALVEZ NÃO
CHEGUE.





Eu passarinho, 2018, Bordado sobre tela, 10x10 cm.



Emaranhar, 2018, Bordado sobre tela, 15x20 cm.



Escondendo, 2017, Bordado sobre fotografia, 10x15 cm.



Junção, 2017, Bordado sobre fotografia, 10x15 cm.



Inteireza, 2017, Bordado sobre fotografia, 10x15 cm.

REFERENCIAIS IMAGÉTICOS

Alexandre Sequeira: <http://www.alexandresequeira.com/>

Aline Brant: <https://www.alinebrant.com.br/>

Andy Goldsworthy: <http://www.galerieelong.com/artists/andy-goldsworthy/site-specific/site-specific3?view=slider>

Diane Meyer:

[https://br.pinterest.com/search/pins/?q=diane%20meyer&rs=typed&term_meta\[\]=diane%7Ctyped&term_meta\[\]=meyer%7Ctyped](https://br.pinterest.com/search/pins/?q=diane%20meyer&rs=typed&term_meta[]=diane%7Ctyped&term_meta[]=meyer%7Ctyped)

Edith Derdyck: <https://www.facebook.com/edith.derdyk>

Janaína Barros: <https://www.youtube.com/watch?v=bNgO6ZFkE1c>

Joana Choumali: <http://joanachoumali.com/>

Jose Romussi: <http://www.joseromussi.com/>

Laura Mckellar: <http://www.lauramckellar.com/>

Pedro Luis: <https://www.instagram.com/pedroluiss/?hl=pt-br>

Rosana Paulino: <http://www.rosanapaulino.com.br/>

Sylvia Amelia: <https://sylviaamelia.wordpress.com/>

Victoria Villasana: <https://victoriavillasana.com/>